

ABORDAGEM INTERCULTURAL: ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO





Ficha catalográfica

SUMÁRIO

✓ Apresentação.....	4
✓ Caro(a) professor(a).....	5
✓ Alfabetização e letramento.....	6
✓ Alfabetização sob a perspectiva dos multiletramentos	8
✓ Textos multissemióticos	10
✓ Abordagem intercultural	11
✓ Momentos para diálogos e discussões	16
✓ A identidade em foco	20
Leituras	22
Exposições	23
Produções textuais	25
✓ Sugestões	27
✓ Outras sugestões	39

APRESENTAÇÃO

Este caderno, destinado à formação docente, surgiu como produto final de uma pesquisa de mestrado em educação e traz sugestões para o trabalho de alfabetização e letramento em salas de aulas, onde há crianças de outras nacionalidades e que ainda não falam a língua portuguesa.

A partir dos resultados da pesquisa, o material foi elaborado com base em uma abordagem intercultural, e na perspectiva da pedagogia dos multiletramentos (ROJO, 2012), como também em consonância com as orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Nesse caminho, ao adotarmos um material que contemple tanto a cultura brasileira quanto as outras culturas existentes no nosso contexto social, utilizamos gêneros de textos multissemióticos, permitindo que os alunos que ainda não são alfabetizados, e que falem ou não nosso idioma, possam compreender o sentido de um texto ou conteúdo e, dessa forma, sejam todos motivados a aprender uns com os outros.

Enfim, apostamos na ideia de que as atividades propostas contribuam tanto para o ensino do Português como Língua Estrangeira (PLE), para os alunos de outras nacionalidades que não falam a língua portuguesa, quanto para o ensino de Português como Língua Materna aos brasileiros, que estão sendo alfabetizados na mesma sala de aula.



CARO(A) PROFESSOR(A)



Você tem em mãos um material com sugestões de atividades embasadas em uma proposta intercultural, com vistas a incentivar os alunos no desencadeamento da empatia, do sentimento de cooperação, trazendo uma maior abertura em direção ao respeito às outras culturas, à apreciação pela diversidade cultural e à superação de preconceitos culturais comumente vistos em abordagens com visões etnocêntricas.

Esta proposta é flexível, de forma que você poderá adequá-la às especificidades de cada contexto em que a criança e sua turma se encontram.

Enfatizamos aqui que este material não deve ser tratado como uma receita pronta para ensinar português a alunos de outras nacionalidades, mas que sirva de inspiração aos professores que buscam novos caminhos para o desenvolvimento de práticas educacionais que levem em consideração o respeito aos aspectos culturais e de identidade das crianças em fase de alfabetização.

Essa formação, no contexto em que analisamos, como aponta São Bernardo (2016), requer a preocupação com a interculturalidade, não apenas como uma estratégia de encontro ou de comunicação cultural, mas como base de um projeto político de transformação social.

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Embora os conceitos de letramento e de alfabetização não sejam semelhantes, na escola deveriam acontecer de forma articulada. É o que a autora Magda Soares chama de “alfabetizar letrando”, ou seja, o ensino e a aprendizagem da língua em situações reais de uso da escrita.

Soares (2016) ressalta que o processo de ensino e de aprendizagem inicial da escrita deve ser realizado considerando as três facetas (linguística, interativa e sociocultural) simultaneamente, porém cada uma delas requer ações didático-pedagógicas diferentes, definidas pelos princípios e teorias que fundamentam cada uma dessas dimensões.

- ▶ A linguística: tem como objeto de conhecimento a apropriação do sistema alfabético-ortográfico da escrita e que envolve estratégias específicas de aprendizagem e de ensino;
- ▶ A interativa: tem como objetivo desenvolver habilidades de compreensão e produção de textos e requer outras estratégias de ensino e aprendizagem;
- ▶ A sociocultural: tem como objeto as habilidades de se usar a escrita em eventos sociais e culturais que envolvem diferentes contextos (SOARES, 2016, p. 29).

Por exemplo, quando o foco é o ensino e a aprendizagem do sistema alfabético-ortográfico (faceta linguística), o quadro do paradigma construtivista pode fornecer uma série de procedimentos didáticos, tais como a criação de situações-problema que levem as crianças a construir hipóteses sobre a escrita, ou a reconhecer a inadequação de sua hipótese e reconstruí-la.

Já quando o foco é o desenvolvimento de habilidades de compreensão ou de produção de textos (faceta interativa), bem como o conhecimento de aspectos que envolvem os usos e funções atribuídos à escrita em diferentes situações da vida social (faceta sociocultural), as contribuições dos estudos de ensino de gêneros textuais oferecem instrumentos como a sequência didática, “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito” (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 97).

E, mais recentemente, os estudos da pedagogia dos multiletramentos (ROJO, 2012) podem contribuir com procedimentos para a alfabetização no contexto atual em que o texto escrito cada vez mais aparece articulado a outras linguagens: imagens, sons, movimentos, entre outras.

ALFABETIZAÇÃO SOB A PERSPECTIVA DOS MULTILETRAMENTOS

Com as mudanças nas últimas décadas, sobretudo em relação aos meios de comunicação e circulação das informações, e a ampliação do acesso às tecnologias digitais, os estudos do letramento começam a se voltar para a multiplicidade de práticas de “letramentos” que ocorrem nas diferentes esferas da sociedade e para as diferentes culturas locais que vivem essas práticas (ROJO, 2009).

De acordo com Rojo e Moura (2012), o termo “multiletramentos” surge em 1996, quando um grupo de pesquisadores do letramento, preocupados com a inclusão nos currículos escolares da grande variedade de culturas do mundo globalizado, reúne-se na cidade de Nova Londres, nos EUA, e publicam um manifesto denominado *Uma Pedagogia dos Multiletramentos – desenhando futuros sociais*.

Esse manifesto, de acordo com Rojo e Moura (2012), aponta a necessidade de a escola ocupar-se dos novos letramentos, não só incluindo as novas Tecnologias da Informação e Comunicação nos currículos, mas também a grande variedade de culturas existentes na sala de aula, como forma de interação, convivência e respeito à diversidade cultural.



Sendo assim, o trabalho na escola não deve ficar restrito à formação de alunos usuários funcionais das mídias e tecnologias, com competência técnica nas práticas de multiletramentos, mas deve se preocupar também com a formação de analistas críticos e criadores de sentidos, capazes de transformar textos, discursos e principalmente práticas.

No Brasil, a abordagem dos multiletramentos vem sendo cada vez mais discutida em pesquisas preocupadas com a educação (SANTOS, 2018; GRACIOLI, 2017; AULETTA, 2019, para citar alguns) e no contexto escolar, inclusive na alfabetização e no ensino da língua estrangeira.

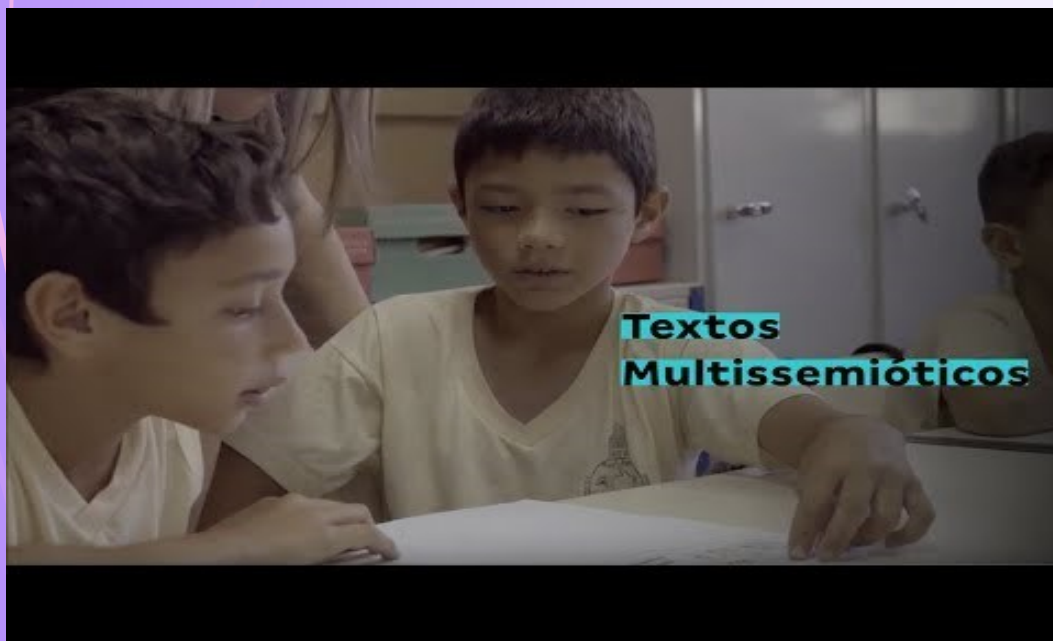
Fonte: rioeduca.net 07/03/2017

<http://antigo.rioeduca.net/blog.php?tag=projeto&pg=37>

TEXTOS MULTISSEMIÓTICOS

10

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), nas orientações para o ensino de língua portuguesa (1º. ao 9º. ano), faz referência à necessidade de a escola abordar os multiletramentos, destacando, assim como propunha o Grupo de Nova Londres, o trabalho com a multiplicidade de linguagens e a multiplicidade de culturas.



Fonte: Nova Escola- BNCC na Prática: textos multissemióticos na aula de Língua Portuguesa [26/03/2019](https://www.youtube.com/watch?v=kRvtnRDih6A)
<https://www.youtube.com/watch?v=kRvtnRDih6A>

Essa perspectiva propõe um ensino da língua por meio de gêneros de textos multissemióticos que, para Rojo (2012), são definidos como textos que possuem multiplicidade de linguagens (fotos, vídeos e gráficos, linguagem verbal oral ou escrita, sonoridades), além de permitirem a combinação dessas modalidades.

Para o documento, não se trata de ignorar o trabalho com o escrito e impresso, nem de deixar a utilização de gêneros e práticas, tais como notícias, carta de leitores, artigos de opinião, entre outros em segundo plano, mas trata-se de incorporar também os textos multissemióticos nas aulas de Língua Portuguesa em toda a Educação Básica, desde os anos iniciais destinados à alfabetização.

A aprendizagem do português como língua estrangeira (PLE), por crianças de outras nacionalidades, em uma perspectiva que envolve a multiplicidade de linguagens (textos multimodais) e a interculturalidade, pode ter melhores resultados, considerando não apenas o domínio do conteúdo, mas a verdadeira inserção dessas crianças no novo contexto social em que estão vivendo.

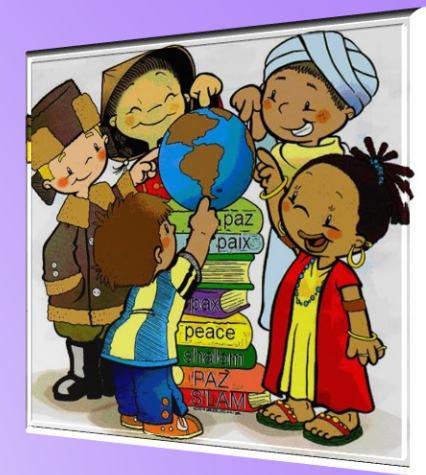
ABORDAGEM INTERCUTURAL

A partir da década de 1990, além da competência comunicativa, viu-se a necessidade de se investigar como as semelhanças e as diferenças das culturas influenciavam no processo comunicacional e na aprendizagem de línguas, assim a abordagem intercultural começa a ganhar destaque dentro do meio acadêmico.

Nesta nova abordagem, o foco também continua sendo o aluno, porém leva-se em consideração os processos de comunicação sobre a cultura-alvo. Para o aluno, o ensino requer mais do que somente aprender sobre os aspectos da nova cultura, buscando incentivar o aprendiz a desenvolver sua perspectiva para entender a perspectiva do outro, além de estimulá-lo a reconhecer os preconceitos culturais existentes e veiculados pela mídia (textos, televisão, vídeo, internet etc.). (SCHNEIDER, 2010).

Mendes (2011, p.143) ressalta a importância de se trabalhar a interculturalidade como perspectiva para se ensinar e aprender línguas. A autora utiliza a expressão “língua-cultura” ao se questionar o que seria mais importante dentro do processo da abordagem intercultural no ensino de línguas: “o que vem antes, a língua ou a cultura?”, “a cultura está na língua ou a língua está na cultura?”.

Como resposta a essas questões, Almeida Filho (2002) afirma que a cultura não está antes nem depois da língua, nem uma dentro da outra, mas no mesmo lugar.



Assim como nas relações sociais entre sujeitos de diferentes culturas, o ensino de línguas dentro das salas de aula multiculturais, se não trabalhado com uma abordagem intercultural, pode resultar em duas situações distintas:

- Ensino baseado no etnocentrismo: choques e conflitos ao tentar elevar a sua cultura em detrimento de uma outra, fazendo com que rejeitem ou depreciem aquilo que não faz parte de suas realidades ou modo de vida, considerando a sua identidade como a mais correta e natural em relação às outras.
- Ensino baseado em apatia: ao contrário do etnocentrismo, esse modelo faz com que os envolvidos neguem a sua identidade, levando a perderem suas crenças e valores e enfraquecendo as características que mantêm seus povos unidos.

Segundo Laraia (1999), muitos povos afrodescendentes e indígenas, aqui no Brasil, sofreram às custas do processo de apatia, fato esse que não desencadeava somente nas questões de doenças biológicas, mas também naquelas desencadeadas por razões psicossomáticas, ou seja, frutos do contato com outros modos de agir e pensar.



É necessário ter a clareza que os aprendizes não podem ser tratados como uma massa homogênea que está ali para aprender a língua e pronto.

Para se ensinar e aprender uma nova língua, professores e alunos devem compartilhar, além dos conhecimentos relativos à língua em si, os conhecimentos e formações que fazem parte dos seus mundos culturais específicos, transformando assim cada sujeito em uma fonte de conhecimento diversificado, capaz de transformar as suas e as culturas dos demais, de forma potencializada por meio do processo de interação que ocorre no meio.

Quando se trata de crianças recém-chegadas de outros países e que ainda não entendem o contexto de diversidade cultural e das relações culturais em que estão inseridas, há o cuidado de se ensinar a nova língua para que não haja a negação da sua própria cultura em detrimento dessa nova na qual estão sendo inseridas.

Para Mendes (2011) e Almeida Filho (2011), o ensino da língua não deve se sobressair ao da cultura e vice-versa: ambos devem sempre estar em consonância.

Vale destacar que essa abordagem não pretende colocar a cultura como um conteúdo de ensino e aprendizagem, assim como se faz com o ensino sistematizado da língua, e nem reduzi-la a curiosidades culturais relacionadas à língua em questão.

Assim, para São Bernardo (2016), o aprendizado na perspectiva do Português como Língua de Acolhimento (PLAc), possibilita experiências enriquecedoras para potencializar o exercício da cidadania e, além de trazer igualdade de oportunidades para quem chega, também traz benefícios para quem acolhe, desenvolvendo a competência comunicativa e intercultural entre todos os participantes.



É no contato e nas diversas situações apoiadas pela relação entre as diferentes culturas e identidades que se ancora o aspecto intercultural. O entendimento de como os valores, as práticas e as crenças afetam o comportamento humano é fundamental para a concepção de programas eficazes que ajudem as pessoas e as nações a exercerem os direitos humanos. (SÃO BERNARDO, 2016, p. 478).



Fonte: [Gazeta do povo \(19/04/2018\)](https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/saiba-como-funciona-a-educacao-indigena-ezki83jf1rcy99nm44jeoadhq/)
<https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/saiba-como-funciona-a-educacao-indigena-ezki83jf1rcy99nm44jeoadhq/>

MOMENTOS PARA DIÁLOGOS E DISCUSSÕES



Proposta

A escola é um lugar onde há a partilha não só do espaço físico, mas de rotinas, culturas e experiências.

Nestes locais, portanto, deve-se propiciar às crianças a socialização, as vivências, as interações, as trocas e a ampliação ao reconhecimento dos contextos sócio-histórico-culturais nela envolvidos.

Durante a rotina, o professor mediador pode trazer à tona discussões para que os alunos expressem suas opiniões, ideias, sentimentos, relatos acerca do tema.

Nestes momentos, podemos compreender melhor quais os conhecimentos prévios dos alunos e incentivá-los a desenvolverem sua perspectiva para entenderem a perspectiva do outro, além de estimulá-los a reconhecerem os preconceitos culturais existentes e veiculados pela mídia (textos, televisão, vídeo, internet etc.) (SCHNEIDER, 2010).

Fonte: globo.com 07/08/2016

<http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/volei-de-praia/noticia/2016/08/islamismo-veu-e-calca-egipcias-sao-1-dupla-da-historia-do-pais-na-olimpiada.html>

Ainda em relação sobre as diferenças, o professor pode também trazer para as suas aulas alguns materiais em multimídias para que as crianças compreendam melhor esse conceito antes da abertura das discussões com o grupo.

O vídeo ao lado mostra, em forma de game, uma tribo baseada nas histórias do povo indígena Huni Kuin (Kaxinawá) do Rio Jordão, Acre. Cada uma das cinco fases do jogo conta uma antiga história da comunidade. O objetivo é preservar a memória e disseminar a cultura do povo indígena.

Com uma aula rica em material multimidiático, mesmo aquelas crianças que ainda não sabem ler conseguirão entender o conceito existente na discussão.

RESPEITO AO DIFERENTE



Fonte: Estadão 06/09/2018
<https://emails.estadao.com.br/noticias/comportamento,tribo-kaxinawa-no-acre-cria-game-para-preservar-memoria-cultural,70002490900>



Fonte: Youtube 11/08/2016

https://www.youtube.com/watch?v=ZXE2mkAq_FQ



Fonte: Youtube 16/01/2015

<https://www.youtube.com/watch?v=3I9c3CRp5F4>

Aqui vemos como os multiletramentos trazem implicações positivas no ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras e ainda podem trazer um enfoque multicultural para a aula.

A IDENTIDADE EM FOCO

Em escolas onde há pessoas oriundas de diferentes países, devemos levar em consideração que se tornará inevitável um possível encontro entre duas ou mais culturas distintas, o que salienta a importância de se trabalhar com a interculturalidade em sala de aula.

A abordagem intercultural traz ferramentas que possibilitam uma maior abertura, apreciação e respeito pelas diferentes culturas, fatores que levam à superação de preconceitos que possam existir, além do etnocentrismo e da apatia, ou seja, com que os envolvidos percam suas crenças, valores e características, ou neguem a sua identidade cultural.

Sendo assim, sempre que possível, as propostas devem contemplar a identidade e as diferenças culturais e linguísticas, respeitando as particularidades étnicas, costumes ou crenças, dos alunos trazendo atividades e propostas que funcionem como um prazeroso laboratório de línguas para TODOS os envolvidos na sala.



Ana Maria Machado

Bisa Bia, Bisa Bel

Ilustrações de Mariana Newlands



A partir de uma leitura, o professor pode abrir uma roda de conversa com a turma, e debater acerca da identidade e sobre as composições familiares de cada um, promovendo a conscientização sobre possíveis visões de preconceitos existentes. A roda de conversa também irá propiciar ao professor levantar os conhecimentos prévios dos alunos sobre as características do gênero textual escolhido.

Na alfabetização, quanto menor o grau de autonomia na leitura, mais complexas serão as atribuições do docente. Ele deverá ser o modelo de leitor que guia a criança em seu aprendizado, isto é, lendo, orientando, planejando e explorando as intenções de leituras dos alunos.

Sugestão de leitura: No livro *Bisa Bia, Bisa Bel*, a protagonista durante uma das arrumações da mãe, encontra um retrato da Bisa Bia (a qual não teve contato) quando ainda era criança. A garota, encantada com a foto, pede a fotografia emprestada para a mãe. A leitura inicial poderá desencadear outras atividades que darão continuidade ao assunto.



Proposta

Neste momento, pode-se abrir espaço para que os alunos tragam fotos suas e de seus familiares, socializando suas características culturais e individuais uns com os outros.

O professor também pode incentivar a escrita espontânea em duplas produtivas para aqueles que ainda não sabem escrever ou para aqueles que ainda não falam a língua portuguesa fazer o registro com o auxílio de um escriba ou através de desenhos.



Fonte: Revista Nova Escola

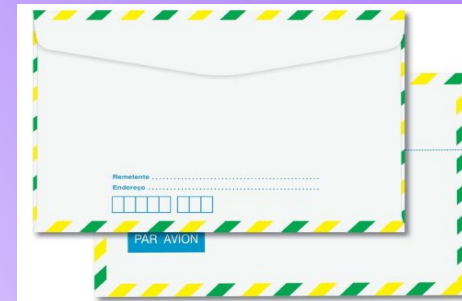
<https://novaescola.org.br/conteudo/9024/o-migrante-mora-em-minha-casa>

Além da confecção do mural, o professor pode pedir para que as crianças expliquem, independentemente da língua que falam, sobre os desenhos ou as fotos escolhidas e para que leiam, em sua língua materna, suas produções para a turma. Se possível, neste momento, pedir ajuda a outras crianças que compreendem sua língua para fazer a tradução.

Aqui vemos uma abertura para aqueles que não falam o português se socializarem e para que os outros conheçam e se familiarizem com uma possível diversidade de idiomas e culturas existentes no meio.



Fonte: A Carta, curta metragem de animação
(Youtube) 19/10/2017
<https://www.youtube.com/watch?v=MxfGFEwqDtE>



Proposta

Criar uma situação, que tenha como objetivo a produção textual dos alunos para a comunicação de forma autêntica, isto é, em situação real de um gênero. Primeiramente, o aluno deve ter a clareza da importância da escrita e o seu uso social.

Escrita de cartas para familiares

Para início é necessário uma apresentação do gênero para o grupo com a utilização de mídias sobre o tema, como no exemplo do desenho animado ao lado, que fala sobre a vida de um carteiro. No segundo momento, pode ser realizado uma roda de conversa com as crianças em que serão instigadas algumas perguntas: Vocês conhecem esse gênero? Para que serve? Alguém da sua família já utilizou? Quais características possui?

Após, poderá ser pedido para que os alunos escrevam uma carta para uma pessoa da família, como forma de sondagem inicial de escrita em que será possível identificar o que os alunos sabem sobre o gênero e verificar as suas dificuldades e conhecimentos prévios, e assim possa planejar situações e futuras intervenções.



Fonte: Secretaria da Educação 03/02/2016
<https://www.educacao.sp.gov.br/noticias/se-voce-e-aluno-imigrante-saiba-como-fazer-a-sua-matricula-na-rede/>

A partir da sondagem inicial o professor pode criar módulos de atividades sequenciadas para que o aluno possa ir superando as suas dificuldades, através dos objetivos propostos em cada uma dessas etapas.

Como produção final, sugere-se a escrita de uma nova carta para alguém da família. É interessante que os alunos comparem a sua produção inicial com a final, o que possibilita entender todo o processo que percorreu, esse passo é importante para a reflexão da criança a respeito da sua própria escrita, mesmo antes da construção da base alfabética.

É importante que a carta seja entregue ao seu destinatário, seja por via correio ou pelas mãos da criança.

Por fim as crianças podem, também, reescrever uma cópia dessa carta no computador, para que possam utilizar as ferramenta tecnológicas como o *e-mail*.

SUGESTÕES

- ✓ A adaptação de sinais para atividades básicas na rotina na escola, como por exemplo, usar o banheiro, o nome da sala, não compreende o que está sendo falado;
- ✓ Atenção a expressão corporal da criança;
- ✓ Utilizar sinas não-verbais nos espaços da escola, de forma que crianças, imigrantes ou não, possam lê-los, como por exemplo, na porta das salas, banheiros, refeitório etc.;
- ✓ Utilizar-se de aplicativos ou tradutores disponíveis gratuitamente na internet;
- ✓ A escrita da rotina, nos diferentes idiomas existentes no ambiente, também facilitaria a compreensão de todos a cerca das atividades que serão realizadas no período;
- ✓ Falar sempre com calma e pausadamente.

Deve também haver a valorização daquelas crianças que já foram alfabetizadas em sua língua de origem, através do incentivo à expressão da sua cultura, e ao exercício da fala e escrita em seu idioma durante as atividades diárias.

Há também a importância de se trabalhar com projetos que tragam a comunidade e as famílias das crianças para a realidade escolar.

Esses projetos precisam envolver toda a unidade escolar, desde alunos, gestores, professores e demais funcionários. Os projetos permitem momentos não só do ensino da língua e costumes culturais brasileiros, mas que facilitem as outras crianças também demonstrarem seus costumes, práticas, conhecimentos pessoais e de vida.

Deve-se ter em mente a importância da criação de projetos específicos e contínuos e não projetos pontuais e de curta duração para conseguir manter o vínculo entre os estudantes, profissionais da Unidade e a família. Sendo assim, em escolas onde há grande concentração de imigrantes, há a necessidade desta característica fazer parte de um eixo narrativo dentro do PPP da escola.

Propostas de Projetos:

✓ Língua

Nesta proposta, se houver interesse, os próprios alunos imigrantes, através de uma mediação, poderão criar grupos multisseriados para apresentar e ensinar características de sua(s) língua(s) materna(s) aos demais interessados da escola, alunos ou funcionários. Neste tipo de proposta as características da língua tornam-se estratégias para a integração entre as possíveis nacionalidades existentes no meio.

✓ Música e dança

Neste tipo de proposta a música e a dança, assim como a língua, tornam-se estratégias para a integração e socialização entre as possíveis culturas existentes no grupo. Os alunos poderão realizar grupos de estudos, discussões, e ensaios de diferentes contextos culturais, como produto final poderá ser realizado apresentações artísticas típicas para a comunidade ou alunos da escola. A realização, junto com o grupo, de gravações das apresentações, edições desses vídeos e posteriormente a publicação em páginas específicas na internet é uma possível forma de se trabalhar a abordagem intercultural, através da utilização dos multimeios.

Há também a importância de uma organização sistemática no acolhimento inicial dos alunos de outras nacionalidades, que em alguns casos, podem não ter tido nenhum tipo de contato com ambientes escolares em seus países de origem.

É necessário que os professores verifiquem se há a presença de alunos imigrantes em suas salas de aula antes do início do ano letivo, para que possam estudar o(s) país(es) de origem desse(s) novo(s) alunos(s). As rodas de conversa com o grupo, através de uma abordagem positivista, realizado com a explanação das informações prévias, colhidas pelo professor (através de materiais multimodais), poderá facilitar a interação de toda a turma. A criação de estratégias de acolhimento criará um ambiente permanentemente acolhedor, pois poderá ingressar estudantes imigrantes em qualquer época do ano.

Poderá ser realizado uma comissão de alunos que já são familiarizados com a rotina da escola para que, durante os primeiros dias do início escolar, ficarão responsáveis para ajudar os alunos ingressantes a conhecerem os espaços, se socializarem com os funcionários e demais alunos e para que entendam a organização da instituição. Há também a possibilidade de se convidar os alunos a contarem um pouco sobre a sua vida e para aqueles alunos imigrantes, sobre seu país de origem, em sua língua materna, pois a preocupação com a língua aqui será secundário, o mais importante, neste momento, será com o processo de acolhimento e para a possibilidade de iniciação na criação de vínculos entre as crianças.

Para Soares (2016), quando o foco do ensino é a aprendizagem do sistema alfabético-ortográfico (faceta linguística), é necessário que também se crie situações-problemas que levem as crianças a construir hipóteses sobre a escrita (faceta interativa), e que se crie situações reais para se usar a escrita, como eventos sociais e culturais que a criança percorre (faceta sociocultural). Ou seja, é necessário trabalhar com as facetas concomitantemente.

Assim podemos entender que em certas atividades, com o propósito de aprendizagem da escrita, o trabalho não se deve resumir somente sobre os aspectos grafocêntricos, essas propostas, portanto, devem fazer parte do trabalho em conjunto com as outras facetas.

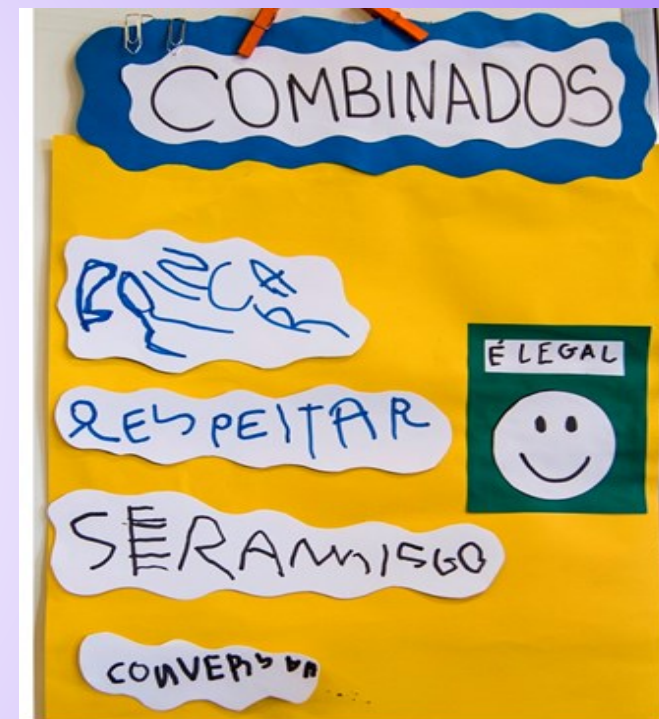
Portanto, o professor deve reinventar suas aulas trazendo atividades significativas em seu contexto da sala e que perpassem pelo respeito entre os demais, assim como a socialização e a interação entre as partes.





Propostas em que as crianças participem da elaboração e confecção de materiais para que outros possam lê-los, como por exemplo, a escrita do cardápio da merenda, ou dos combinados devem ser construídos com toda a turma e em turmas multiculturais.

O professor poderá direcionar para que também seja escrita a tradução nas outras línguas presentes no ambiente, isso traz além da questão do acesso ao letramento, o respeito e a importância com o outro.





Há também a possibilidade de utilização de aplicativos para a criação de vídeos com efeitos de sons, animações e escritas, em que as crianças podem criar vídeos, como por exemplo, fazendo apresentações, ou contar um pouco sobre sua vida (idade, onde mora, nome do país, entre outros), em sua língua materna, caracterizados como uma espécie de “*youtuber*”.

Após esse momento pode-se criar um mural com a foto das crianças e colocar o respectivo nome abaixo. Com a utilização destes aplicativos interativos cria-se um gancho em atividades que possibilitam o exercício de apropriação do sistema alfabético-ortográfico, como por exemplo, a aprendizagem da escrita dos nomes próprios.

Através desses canais, o professor consegue trabalhar não só os aspectos linguísticos, mas também o interativo e o sociocultural com toda a turma, independentemente se alfabetizados ou não, ou se ainda não compreendem a língua portuguesa.



Linguagem não verbal: Relação entre informações explícitas e implícitas em um texto



A leitura da imagem realizada através de vídeos, gravações ou tirinhas (mesmo sem a presença de texto escrito) pode corroborar para que as crianças construam habilidades de olhar perspectivo e articulador.

Em atividades que se utilizam de linguagem não verbal (em que conseguimos “ler” o desenho) é possível que aquelas crianças que ainda não sabem ler, reflitam sobre as informações contidas no seu contexto, como : autor, gênero, personagens, relação entre a imagem e o escrito (caso tenha).



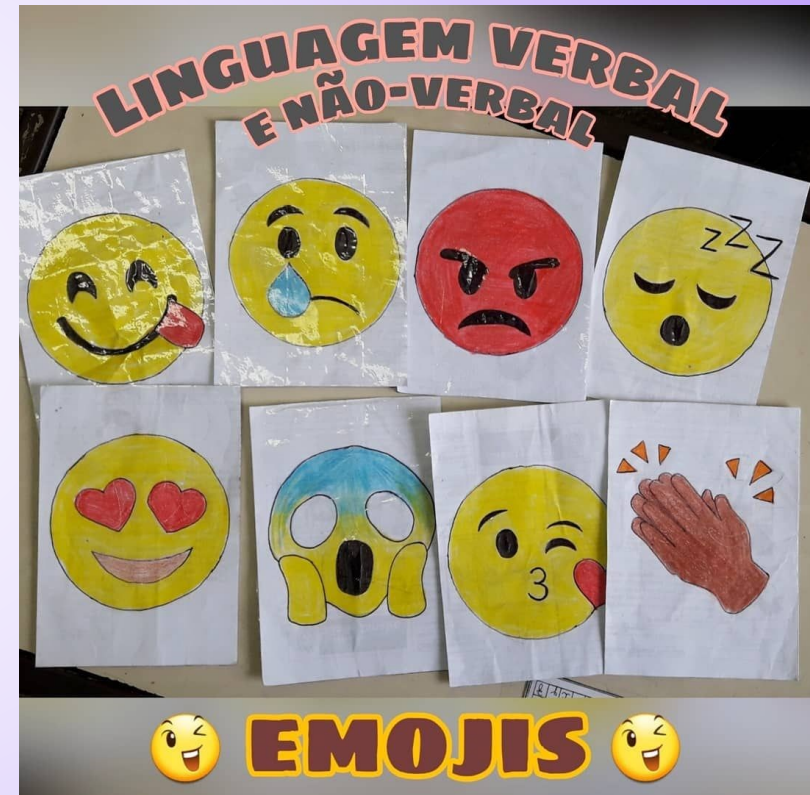
Para isso devemos considerar a importância da formação dos agrupamentos produtivos nesses tipos de atividades, pois a construção coletiva antecedente a individual.

Com as discussões e as devidas intervenções, é possível que a criança aprenda com a socialização das ideias do coletivo, o que é muito importante para a interação dos diferentes pontos de vista presentes e para a ampliação do seu conhecimento.

Nessas atividades com a utilização de mídias não verbais, como nos quadrinhos, é possível identificar, a partir do retorno, se é válido ou não o processo da compreensão leitora da turma.

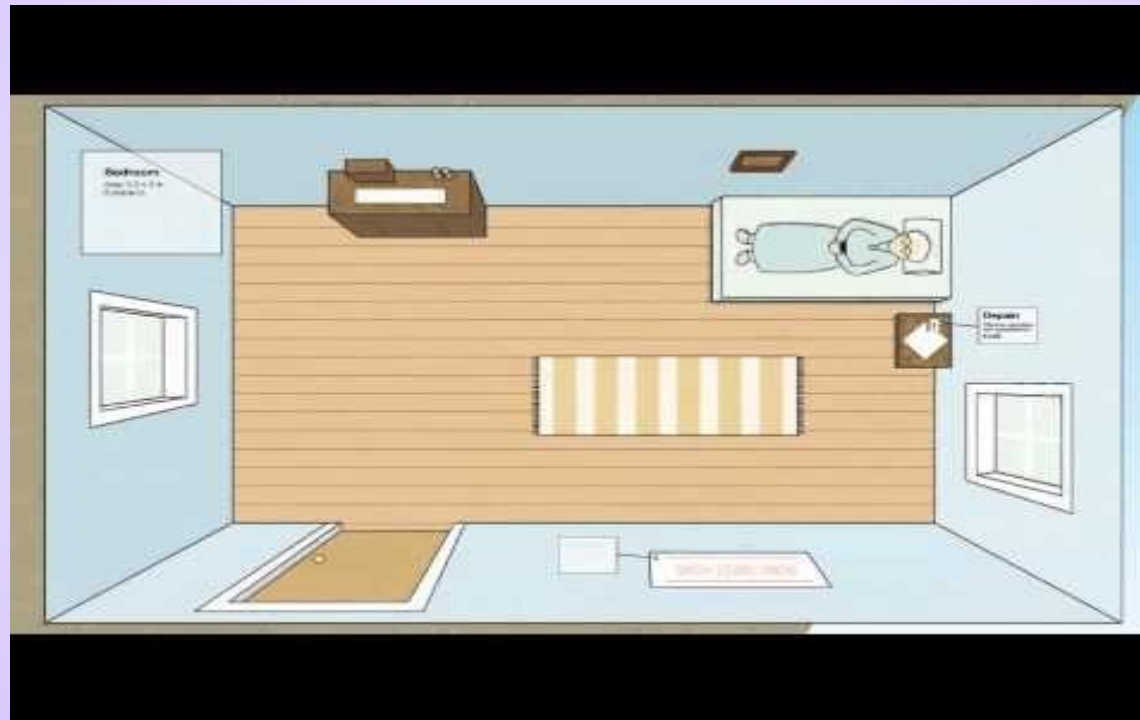
Exemplos:





OUTRAS SUGESTÕES

Infográfico: chapeuzinho vermelho



Fonte: Infográfico Chapeuzinho Vermelho (Youtube) 01/11/2010
<https://www.youtube.com/watch?v=KN96zPynEEE>

Infográfico: matemática em game



Fonte: (Youtube) 25/01/2018

<https://www.youtube.com/watch?v=0UC6uw0KoVQ>



**Ana Sílvia Moço
Aparício**

Possui graduação em Letras, mestrado e doutorado em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), com estágio sanduíche em Didática de Língua Materna no LIDILEM (Laboratoire de Linguistique et Didactique des Langues Etrangères et Maternelle) de l'Université Stendhal Grenoble 3, na França, e pós-doutorado em Educação pela Fundação Carlos Chagas. Tem experiência docente em cursos de graduação e pós-graduação em Pedagogia e Letras, nas áreas de Linguística Aplicada, Alfabetização, Ensino de Língua Portuguesa, Didática da Língua Materna. Também tem experiência em Educação a Distância, como tutora e autora de material didático. Atualmente é professora do Curso de Pedagogia e do Mestrado Profissional em Educação na Universidade Municipal de São Caetano do Sul (SP). É editora da Revista de Estudos Aplicados em Educação. Desenvolve pesquisas sobre os seguintes temas: formação de professores da Educação Básica, inovação no ensino de língua materna, didática de línguas, letramento e multiletramentos, desenho universal para aprendizagem.



Giseli Pimentel Soares

Possui graduação em Pedagogia pelo Centro Universitário São Camilo (2013); Pós graduação em Alfabetização e letramento e em Dificuldades de aprendizagem. Possui mestrado em Formação de Professores pelo Programa de Pós Graduação em Educação (PPGE) pela Universidade Municipal de São Caetano do Sul (2020). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Alfabetização, atuando principalmente nos seguintes temas: alfabetização e letramento, crianças haitianas, ensino de português língua estrangeira, multiletramentos e interculturalidade. Atualmente é professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental da Prefeitura Municipal de Santo André.

LEITURAS IMPORTANTES

- ▶ **Estudantes imigrantes:** acolhimento. Governo de São Paulo. Livro digital disponível em: https://www.educacao.sp.gov.br/wp-content/uploads/2018/12/ACOLHIMENTO_FINAL-compressed.pdf
- ▶ **Português como língua de acolhimento:** um estudo com imigrantes e refugiados no Brasil. Tese De Mirela São Bernardo. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/8126?show=full>
- ▶ **Pode Entrar:** português do Brasil para refugiadas e refugiados. ACNUR. disponível em: https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/Publicacoes/2015/Pode_Entrar.pdf?file=t3/fileadmin/Documentos/portugues/Publicacoes/2015/Pode_Entrar

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, J. C. P. Língua além de cultura ou além de cultura, língua? Aspectos do ensino da interculturalidade. In.: CUNHA, M., SANTOS, P. (orgs.) **Tópicos em português língua estrangeira**. Brasília – DF: EDUNB, 2002. P. 210-215.

ALMEIDA FILHO, J. C. P. Língua-cultura na sala e na história. In.: MENDES, E. (org.) **Diálogos interculturais: ensino e formação em português língua estrangeira**. Campinas: Pontes Editores, 2011. p. 159 – 172.

AULETTA, Ana Paula. **Escola e paradidáticos: uma proposta de trabalho com os multiletramentos**. 2019. 92 f. Dissertação (mestrado em Educação). Faculdade de Ciências e Letras, Unesp, Assis, 2019.

45

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base nacional comum curricular**. Brasília, DF, 2017.

GRACIOLI, Jéferson Muniz Alves. **Multiletramentos e leitura de mapas no ensino de Geografia**. 2017. 103f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, 2017.

LARAIA, Roque de Barros. Cultura: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

MENDES, E. **Diálogos Interculturais: Ensino e Formação em Português Língua Estrangeira**. Campinas, SP: Pontes, 2011.

ROJO, R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola, 2009.

ROJO, R; MOURA, E. (orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SANTOS, É. E. L. **Os multiletramentos no chão da escola**: desafiando realidade. 2018. 120 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Belém, 2018.

SÃO BERNARDO, M. A. **Português como língua de acolhimento**: um estudo com imigrantes e refugiados no Brasil. 2016. 206 f. Tese (doutorado em Linguística). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2016.

46

SCHNEIDER, M. 2010. Abordagens de ensino e aprendizagem de línguas: comunicativa e intercultural. **Revista Contingentia**. ISSN 1980-7589/ vol. 5, nº1, maio 2010. 68-75. Disponível em <http://seer.ufrgs.br/contingentia/article/view/13321/7613>. Acesso em 27 jun. 2019.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. Os gêneros escolares - das práticas de linguagem aos objetos de ensino. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim e col. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização de Roxane H. R. Rojo e Glaís S. Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

SOARES, M. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2011.

SOARES, M. **Alfabetização**: a questão dos métodos. São Paulo: Contexto, 2016.

OUTROS DESENHOS ANIMADOS

- ▶ <https://www.youtube.com/watch?v=ta2P7XPVyzk>
- ▶ <https://vimeopro.com/millimages/mouk-brazilian-portuguese/video/140931264>
- ▶ <https://www.youtube.com/watch?v=0UC6uw0KoVQ>
- ▶ https://www.youtube.com/watch?v=ZXE2mkAq_FQ
- ▶ <https://www.youtube.com/watch?v=3I9c3CRp5F4>